

SOTO, Luís G.: *Meditação sobre a saudade*, Zéfiro, Sintra, 2015, 139p.

Aparece agora, em 2015, em português, sob o título *Meditação sobre a Saudade*, o ensaio *O labirinto da saudade*, de Luís G. Soto, que em 2012 obteve o Prémio Carvalho Calero de Investigação, outorgado pelo Concelho da Cidade de Ferrol, na Galiza.

A razão da mudança no título, segundo explicou o autor na apresentação do livro, realizada no 14 de Abril de 2015 na Faculdade de Letras na Universidade do Porto, foi evitar a confluência, incontornável para os leitores portugueses, com o homónimo e celeberrimo de Eduardo Lourenço, *O labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, ao qual se alude neste texto (p. 17). De resto, salvo alguns acréscimos, como o autor lembrou naquela apresentação, esta edição portuguesa coincide com a galega.

A partir da experiência psicológica pessoal (mas vertida em moldes filosóficos) da morrinha e da saudade, ligada a lugares (uma ria, algumas praias), tempos (o verão, as férias) e épocas (a infância, a adolescência e a juventude), Soto faz um percurso, refletindo, lembrando, interpretando - por alguns dos muitos trilhos que as culturas galega e portuguesa foram abrindo ao redor da saudade: a filosofia (Ramón Piñeiro, Teixeira de Pascoaes e António Sérgio, Carolina Michaëlis, Andrés Torres Queiruga, Paulo Borges), a pintura (Henrique Pousão, António Carneiro... Silva Porto), a escultura (Soares dos Reis), a poesia (Pondal... Carvalho Calero, Avilés de Taramancos). Deambulando entre a Galiza (O Pedrido, Ponteceso, A Corunha, Corme... Miño) e Portugal (Caminha, Luso, Amarante, Lisboa, O Alentejo... Porto). Assim, passo a passo, de autor em autor e de obra em obra, vai perfilando-se, elaborando-se e propondo-se uma nova conceção

---

Recibido: 14/10/2015. Aceptado: 16/10/2015.

filosófica da saudade que faz ênfase nas dimensões comunicativa e coletiva, assim como no aspecto ativo e no contexto solidário.

O livro consta de vinte e um capítulos. Nos dois primeiros, “I. Saudades Galegas 1” (pp. 13-16) e “II. O Labirinto da Saudade” (pp. 17-21), e no quarto, “IV. Saudades Galegas 2” (pp. 31-35), tem o protagonismo a experiência pessoal, o arranque da reflexão. É formulada a questão, em termos filosóficos, e são apresentados os caminhos que se pretende percorrer: alguns feitos, algumas pegadas, alguns ecos, algumas vozes, designadamente, da filosofia galega e portuguesa. À primeira são-lhe consagrados dois capítulos: “III. A Filosofia da Saudade 1” (pp. 23-30) e “XII. A Filosofia da Saudade 2” (pp. 73-79), respectivamente sobre a obra de Ramón Piñeiro e a de Andrés Torres Queiruga. Ao pensamento português, consagram-se os seguintes: “V. A Saudade e o Saudosismo 1” (pp. 37-40), “VI. A Saudade e o Saudosismo 2” (pp. 41-44), “VII. A Saudade e o Saudosismo 3” (pp. 45-48), “VIII. A Saudade Portuguesa 1” (pp. 49-55) e “XIII. A Saudade Portuguesa 2” (pp. 81-87). Os três primeiros versam sobre Teixeira de Pascoaes, incluindo a sua polémica com António Sérgio. O último deles é sobre pensamento contemporâneo, o de Paulo Borges. Mencionamos neste grupo filosófico o capítulo sobre Carolina Michaëlis, o VIII, pois tal é o tratamento que faz o nosso autor.

Mas, como dissemos, esta meditação sobre a saudade não se ocupa apenas de filosofia, mas também de outras realizações culturais, como algumas obras pictóricas, escultóricas e poéticas, vinculadas com a saudade, ou que o nosso autor vincula com ela. Sobre pintura e escultura portuguesas, que se podem contemplar no Museu Soares dos Reis, em Porto, versam três capítulos: “IX. Esperando o Sucesso” (pp. 57-60), sobre Henrique Pousão, “X. O Desterrado” (pp. 61-66), sobre a escultura homônima de Soares dos Reis, e “XI. Casas de Capri” (pp. 67-71), outra vez sobre Henrique Pousão. E sobre poesia galega incide este outro grupo deles: “XIV. A ‘Campana’ e a Saudade 1” (pp. 89-93), “XV. A Campana d’Anllons 1” (pp. 95-98), “XVI. A Campana d’Anllons 2” (pp. 99-103), “XVII. A Campana d’Anllons 3” (pp. 105-108) e “XVIII. A ‘Campana’ e a Saudade 2” (pp. 109-112). Neles, a estrela é Eduardo Pondal e o seu poema “A campana d’Anllons”.

No final, três capítulos pessoais, em que Soto expõe a sua conceção: “XIX. Saudade Minha” (pp. 113-119), “XX. O Labirinto da Saudade 2” (pp. 121-129), “XXI. A Cancela Vermelha” (pp. 131-135). É uma proposta feita a partir de todo o percurso seguido, recolhendo fragmentos e coisas, distanciando-se de umas e aproximando-se de outras. É uma conceção ética, que sublinha os aspetos comunicativos e comunitários. O livro conclui

lembrado a imensidade da temática, o grande número de vozes a intervir numa conversa plurissecular e transoceânica, e salientando a positividade, não apenas da experiência, mas também da filosofia da saudade.

Enfim, damos as boas vindas a este livro, cuja publicação em português era, mais do que conveniente, necessária, pois uma boa parte desta interessantíssima meditação é “acerca de” e, sobretudo, “com” o pensamento e a cultura portuguesas. Está escrito, além do mais, num estilo ensaístico inconfundível, que singulariza o seu autor como um dos filósofos ibéricos que importa ter em conta.

Hugo Monteiro